

Clivadas Básicas e Pseudo-clivadas Extrapostas: uma análise unificada

Carlos Felipe da Conceição Pinto

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP)

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

e-mail: cfcpinto@gmail.com

Abstract. *This work aims to propose a unified analysis for two cleft constructions (“Foi João QUE chegou” and “Foi João QUEM chegou”) that have been treated as constructions of different types/structures – it-cleft and extraposed wh-cleft respectively. It shows the adopted definition of cleft construction and a more detailed problem is shown by focusing the discussion in the alternation of who/that from English, and, next, it shows the analysis of cleft construction that motivated this work. On the second part of the work, the empiric evidences that motivate the analysis are shown. Finally, the new unified analysis is exposed and it is proposed that the difference between them is due to the variation on the trace [\pm agreement] directed from the moved operator (which represents the focused element) to the specifier of CP and the focal head C°.*

Resumo. *Este trabalho tem a finalidade de propor uma análise unificada para duas construções de clivagem “Foi João QUE chegou” e “Foi João QUEM chegou”, que vêm sendo tratadas como construções de tipos/estruturas diferentes – clivada básica e pseudo-clivada extraposta respectivamente. Apresenta-se a definição de clivagem adotada e o problema é apresentado com mais detalhe centrando a discussão na alternância entre who/that do inglês, e, em seguida, apresenta a análise da clivagem que motivou o trabalho. Na segunda parte do trabalho, são apresentadas as evidências empíricas que motivam a análise e, por fim, é feita a nova análise unificada para as duas construções propondo que a diferença entre elas se deve à variação no traço [\pm concordância] entre o operador movido (que representa o elemento focalizado) para especificador de CP e o núcleo focal em C°.*

Palavras-chave: sintaxe gerativa; focalização; clivagem

1. INTRODUÇÃO¹

Considerando seus aspectos sintáticos, construções como

- (1)
 - a. Foram os alunos do primeiro ano que chegaram.
 - b. Foi ali que eu nasci.
 - c. Foi o livro de inglês que o Pedro comprou.
 - d. Vai ser amanhã que você vai fazer isso.

- (2)
 - a. Foram os alunos do primeiro ano quem chegaram.
 - b. Foi ali onde eu nasci.
 - c. Foi o livro de inglês o que o Pedro comprou.
 - d. Vai ser amanhã quando você vai fazer isso.

são analisadas na literatura gerativista sobre o português como: (1) *clivada* (CL) e (2) *pseudo-clivada extraposta* (PCE); embora ambas possam aparecer nos mesmos contextos discursivos.

Meu objetivo, neste trabalho, é propor uma análise unificada das construções em (1) e (2) em um único tipo de estrutura. Para isso, divido o trabalho da seguinte maneira: na seção 2, apresento a definição de clivagem utilizada e o problema da alternância *who/that* do inglês; na seção 3, apresento a análise de Modesto (2001), que motivou a discussão proposta aqui; na seção 4, apresento a minha proposta de análise unificada; e, na seção 5, teço algumas considerações finais.

2. A DEFINIÇÃO DE CLIVAGEM

Modesto (2001, p. 21) define as construções de clivagem como:

- (3) As construções clivadas são sentenças especificacionais em que um movimento A- barra dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade.

E, seguindo a tradição, distingue *sentenças clivadas* de *sentenças pseudo-clivadas*: as *sentenças clivadas* são constituídas por duas orações bipartidas, cada qual com seu verbo; já as *sentenças pseudo-clivadas* são constituídas por uma sentença copulativa em que a relativa livre ocuparia a posição do predicado, que seleciona um sujeito, que satisfaz o valor da variável na relativa que constitui o predicado (ver o exemplo (6) a seguir).

Ainda com relação à leitura semântica, Di Tullio (1999) discute a diferença entre as sentenças como (4B) e (5B), que linearmente apresentam a mesma ordem de constituintes:

- (4)
 - A: O João está chorando?
 - B: Não, É o PEDRO que está chorando.

- (5)
 - A: O que está acontecendo aqui?
 - B: Nada. É o Pedro que está chorando.

¹ A análise apresentada neste trabalho foi proposta inicialmente em Conceição Pinto (2007) e discutida com mais detalhe e aprofundamento em Conceição Pinto (2008). Por motivo de espaço, a apresentação feita aqui é bem sucinta. Para detalhes da proposta, ver Conceição Pinto (2008).

No exemplo em (4), tem-se uma construção de clivagem porque além da estrutura sintática específica, o elemento em destaque equivale ao x , ou seja, fixa o valor da variável (cf. ZUBIZARRETA, 1998):

- (6) a. Existe um x tal que x está chorando.
b. x = o Pedro.

Já no exemplo em (5), o possível candidato a ser o elemento em X , na fórmula SER X CP, não pode fixar o valor da variável, porque a leitura de (5) seria (7) abaixo:

- (7) a. Existe um x tal que x está acontecendo.
b. x = O Pedro está chorando.

(7) mostra que esse elemento é parte do constituinte x que satisfaz o valor da variável e , portanto, não gera leitura semântica específica.

2.1. O problema

Nos estudos sobre a clivagem na língua inglesa (PRINCE, 1978; SORNICOLA, 1988; LAMBRECHT, 2001; entre outros), construções como (8), seja com *who* (quem) ou *that* (que), são consideradas ambas como *it-clefts* (clivadas). Modesto (2001) questiona essa classificação a partir da assimetria da gramaticalidade dos pares de sentença (8) e (9), nos quais a alternância *who/that* altera a gramaticalidade das sentenças em (9):

- (8) a. It was Jonh *that* wore a white suit at the dance last night.
b. It was Jonh *who* wore a white suit at the dance last night. (MODESTO, 2001, p. 19)

- (9) a. *It was beautiful *that* wore a white suit last night.
b. It was beautiful *who* wore a white suit last night. (MODESTO, 2001, p. 19)

Para Modesto (2001), se tal distinção não fosse relevante, as quatro sentenças deveriam ser gramaticais e o par em (9) não deveria ser sensível à troca de *who* por *that*. No entanto, a crítica de Modesto (2001) perde força quando o autor comenta que “beautiful” não é um elemento que pode fixar o valor da variável e , portanto, não pode ser uma construção de clivagem. É possível transcrever (8) em uma estrutura lógica como (10), porém (9) é impossível de ser transcrita dessa maneira, como mostra o contraste entre (10) e (11) a seguir:

- (10) a. There is a x , such that x wore a white suit at the dance last night.
b. x = Jonh.

- (11) a. There is a x , such that x wore a white suit at the dance last night.
b. * x = Beautiful.

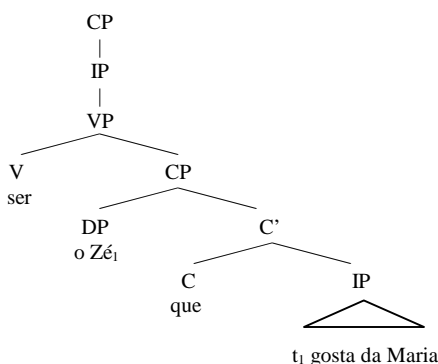
(10) mostra que *Jonh* satisfaz o valor de x , que equivale ao sujeito da sentença. (11) mostra que *beautiful* não pode satisfazer tal requerimento. Desta forma, é possível concluir que a diferença entre (8a-b) e (9a-b) não se deve ao fato de que *who* e *that* apresentam status diferente nestes contextos, mas que (8) e (9) são construções diferentes: (8) uma construção de clivagem e (9)

uma construção copulativa comum. Assim, o argumento que foi levantado por Modesto (2001) para considerar a diferença entre *que/quem*, por exemplo, está baseado em tipos de sentenças diferentes. Portanto, os dados mostram que a distinção entre *who/that* não se aplica às construções de clivagem.

3. A ANÁLISE DE MODESTO (2001)

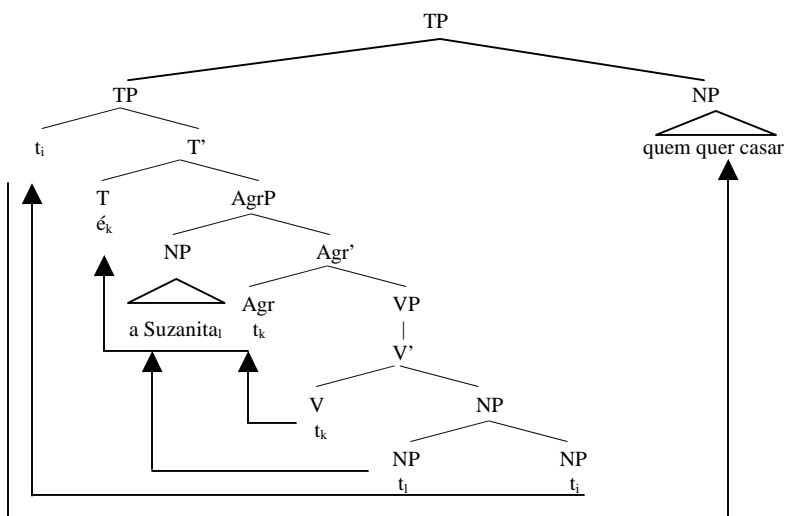
Para Modesto (2001), a CL apresenta estrutura específica e a PCE é derivada da extraposição da relativa livre que ocupa a posição de predicado da mini-orção de uma *pseudo-clivada básica*. Ver a diferença entre a CL e a PCE em (12) e (13) respectivamente:

(12) É o Zé que gosta da Maria. (MODESTO, 2001, p. 73)



Em (12), o elemento focalizado se move da sua posição dentro do IP, onde é saturado tematicamente e, neste caso, é o sujeito, e vai checar os traços de foco no CP subordinado ao verbo, realizando um movimento A-Barra.

(13) É a Suzanita quem quer casar. (MODESTO, 2001, p. 119)



Para a derivação da PCE em (13), move-se a relativa para specTP para satisfazer o movimento A-Barra e faz-se a extraposição da relativa em adjunção a TP pela direita.

Como o próprio Modesto (2001) comenta, no caso da CL, quem faz o movimento A-Barra é o constituinte focalizado e, no caso da PCE (como em todas as *pseudo-clivadas* da sua análise), é a relativa livre. Esse movimento da relativa proposto por Modesto (2001) está relacionado com a satisfação de regras fonológicas, seguindo Cinque (1993 apud MODESTO, 2001) e Zubizarreta (1998), de que o elemento focalizado deve estar em posição mais encaixada na estrutura ou acentuado em outra posição.

Embora haja, em (13), o movimento da relativa para uma posição A-Barra (SpecTP) para satisfazer regras fonológicas, não há motivação para a sua extraposição: quando a relativa ocupa a posição de SpecTP, fazendo o movimento A-Barra, o DP “A Suzanita” já está em uma posição mais encaixada e pode receber o acento nuclear responsável pela interpretação focal. Modesto (2001, p. 62), em nota, diz que:

Pode-se imaginar porque não analisar a relativa livre na sua posição de geração, adiando o movimento para LF. Por um lado, o movimento em (19a) [Quem quer casar é a Suzanita], na sintaxe visível, indica que o movimento em (19b) [É a Suzanita quem quer casar] também deve acontecer antes de *spell-out*, admitindo que o princípio minimalista da procrastinação seja efetivo (cf. Chomsky (1992)). Por outro lado, veremos no capítulo III que esse movimento é prosodicamente motivado e, por essa razão, tem necessariamente de acontecer antes da entrada para PF (antes de *spell-out*).

Pode-se concluir, portanto, que tal extraposição é realizada com o único objetivo de dar conta da ordem linear da sentença.

4. UMA ANÁLISE UNIFICADA

4.1. Evidências empíricas

Evidências empíricas para esta análise podem ser obtidas a partir de dados do francês, inglês e espanhol. Observem-se, inicialmente, os contrastes entre o francês e o inglês:

- (14) a. It's JOHN who arrives.
b. It's JOHN that arrives.
c. It was A BOOK that I bought.
d. *It was A BOOK what I bought.
e. It's HERE that I put my bag.
f. *It's HERE where I put my bag.
- (15) a. *C'est LUI que m'intéresse.
b. C'est LUI qui m'intéresse.
c. C'est LE LIVRE DE MATHEMATIQUE que tu veux.
d. * C'est LE LIVRE DE MATHEMATIQUE ce que tu vuex.
e. C'est LA que je suis né
f. C'est LA où je suis né

Os exemplos em (14) do inglês mostram que apenas com o sujeito é possível ter uma PCE. Nos outros casos, o pronome relativo torna a sentença agramatical. Os dados do francês, em (15),

ainda são mais restritivos: o sujeito exige a concordância morfológica do complementizador, o objeto só aceita o *que* invariável e o adjunto aceita as duas formas.

Para o espanhol, Moreno Cabrera (1999) diz que só pertencem ao espanhol peninsular as sentenças *pseudo-clivadas*, como em (16):

- (16) a. El que viene es Juan.
b. Juan es el que viene.
c. Es Juan el que viene. (MORENO CABRERA, 1999, p. 4251)

Em (16a) há uma construção *pseudo-clivada básica*, em que o elemento clivado aparece depois da relativa, na posição mais baixa da sentença; em (16b), há uma sentença *pseudo-clivada invertida*, em que o elemento focalizado aparece numa posição mais alta e acentuado. Em (16c), há uma construção em que o elemento focalizado aparece entre a cópula e o constituinte WH, que Moreno Cabrera (1999) considera como contendo uma relativa livre, e conseqüentemente uma *pseudo-clivada*, da mesma forma que Modesto (2001).

No caso do espanhol da América, além das *pseudo-clivadas* atestadas por Moreno Cabrera (1999), Di Tullio (1999; 2005) registra casos de CL para os adjuntos (PP e AdvP) e um único caso de sujeito pronominal:

- (17) a. es de la mujer del presidente que todos hablan. (DI TULLIO, 2005)
b. Por eso será que la quiero tanto. (DI TULLIO, 1999)
c. ¿Fuiste vos que me lo devolviste? (DI TULLIO, 1999)

Moreno Cabrera (1999, p. 4281-4283) discute rapidamente as *clivadas*. Mostra exemplos de AdvP e PP, porém apresenta um único exemplo de DP não-pronominal sujeito e, assim como Di Tullio (1999; 2005), nenhum exemplo de DP objeto. Di Tullio (2005) considera “Fue la torta que comió João” como agramatical.

Em síntese: considerando que as CL e PCE têm sido analisadas como construções diferentes, as evidências empíricas levam ao questionamento de que se seria econômico para o sistema computacional possuir uma estrutura focalizadora para um tipo de constituinte e outro tipo de estrutura para outro tipo de constituinte, como se vê nos exemplos em (14-17). Em outras palavras: o que levaria o inglês a ter PCE apenas com o sujeito e com as demais funções ter apenas PCE? O que levaria o francês a ter CL com adjuntos e objetos e PCE com sujeito e adjuntos? O que levaria o espanhol da América a ter CL apenas com AdvP e PP e com os demais constituintes ser resistente à CL?

4.2. Análise formal

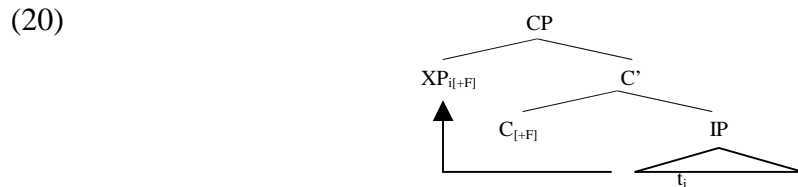
Chomsky (1993) propõe que quanto menos operações de movimento forem realizadas mais econômica será a derivação e, portanto, melhor que uma derivação que requer mais movimentos. Além disso, propõe que movimento sintático é último recurso e deve ser motivado para checar características morfológicas dos núcleos. Considerando essa economia derivacional, Rizzi (1997) propõe que FocP e TopP devem obedecer aos mesmos critérios de checagem que os *Wh* e *Neg Criterion*, de Rizzi (1991). Desta forma, seguindo a proposta de Rizzi (1997), o constituinte focalizado em qualquer sentença *clivada* ou *pseudo-clivada* deve ser movido para checar seus traços de foco em FocP.

Em uma sentença como (18) a seguir, na qual o foco é um DP, o que estaria motivando a relativa livre a ser extraposta? Como foi visto, pela análise de Modesto (2001), a única motivação é a ordem dos constituintes. Uma explicação possível seria dizer que o elemento “quem” da relativa *quem comeu o queijo* deve ser deslocado para ForceP, lugar de pouso dos pronomes relativos, conforme a proposta de Rizzi (1997), e a cópula está subcategorizando o CP como ilustrado em (19):

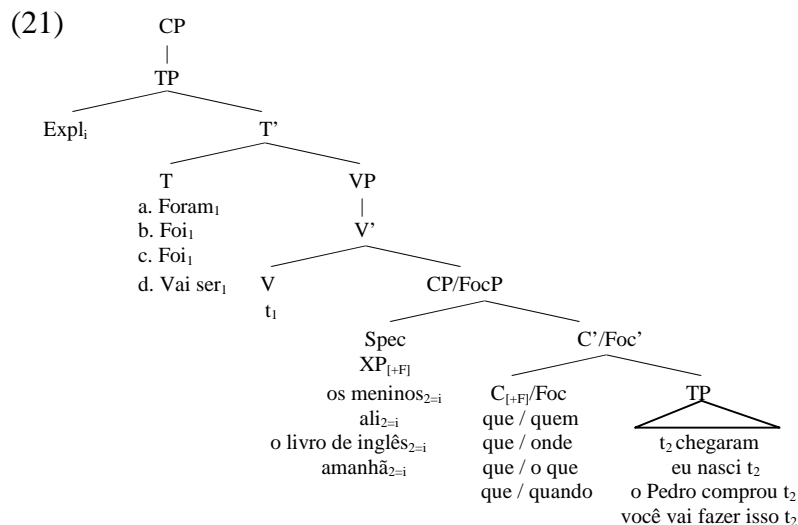
- (18) Foi você quem comeu o queijo.
 (19) [_{VP} ser [_{XP} você [_{ForceP} quem comeu o queijo...

No entanto, seguindo o CP cindido de Rizzi (1997), o foco deve estar numa posição inferior à força e, no exemplo em (19), acontece o inverso (o foco, o DP “você”, está acima de força, que abriga o pronome relativo), o que mostra que o CP “quem comeu o queijo”, de (18), não pode ser uma relativa livre.

Seguindo as propostas de Rizzi (1991; 1997) sobre a concordância dinâmica e que FocP deve checar traços obedecendo a um critério semelhante ao Critério-Wh, proponho que, nos casos de (2), haja um complementizador que vai ser dotado dos traços do operador quando o sintagma focalizado ocupar a posição de especificador, numa configuração Spec-Head como mostra (20):



No tocante à estrutura para essas sentenças, proponho, para ambos os casos, uma estrutura semelhante à proposta por Modesto (2001) em que uma cópula focalizadora seleciona um CP_[+F] no qual o elemento focalizado vai ter os traços checados numa configuração Spec-Head, como ilustrado em (20) acima



Em todos os casos em (21), há um movimento A-Barra do elemento focalizado, que se move de alguma posição dentro do TP (sujeito em (21a), objeto em (21b), adjuntos em (21c) e (21d)) para a posição SpecFocP do CP subordinado pela cópula focalizadora satisfazendo, assim, o Critério-Foc de Rizzi (1997).

A estrutura em (21) acima comporta os dados do inglês, francês e espanhol, que discuti anteriormente:

- (22) a. [_{IP} E_s_i [_{VP} t_i [_{CP} [_{DP} Juan_j] C' [C° el que / que [_{TP} t_j viene]]]]]
b. [_{IP} C'est_i [_{VP} t_i [_{CP} [_{AdvP} la_j] C' [C° où / que [_{TP} je suis né t_j]]]]]
c. [_{IP} It's_i [_{VP} t_i [_{CP} [_{DP} Jonh_j] C' [C° who / that [_{TP} t_j arrives]]]]]

Uma outra evidência a favor desta análise que propõe uma concordância em C° pode ser tomada de construções como as ilustradas em (23) a seguir:

- (23) a. Você que sabe.
b. Você quem sabe.

Seguindo as propostas de Conceição Pinto (2008), as sentenças em (23) não são consideradas construções de clivagem: no caso de (23), o que se tem é uma construção focal, na qual o DP focalizado se move para SpecCP e o núcleo focal é realizado pelos elementos *que* ou *quem*. Se as construções em (23) fossem derivadas da *clivada básica*, com apagamento da cópula, não deveriam ser possíveis no espanhol europeu. Contudo, como atestado em Conceição Pinto (2008), o espanhol europeu apresenta a *clivada-sem-cópula*, como em (23a), porém não apresenta a *clivada básica*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propus uma nova análise para sentenças que têm sido analisadas como tendo estruturas diferentes. Com extensão da concordância dinâmica do Critério-Wh para FocP, pode-se dar conta da variação entre as línguas e dentro das línguas (pois, embora os exemplos sejam do PB, a estrutura se aplica à outras línguas também), eliminando assim movimentos não motivados, como adota Modesto (2001) para a extraposição da relativa na PCE. No entanto, algumas perguntas permanecem e serão motivo de futuras investigações: 1) Por que o inglês é indiferente à concordância com o sujeito e não aceita concordância com as demais funções? 2) Por que as únicas formas gramaticais no francês são aquelas que a) apresentam concordância com o sujeito e b) vetam a concordância com o objeto e c) são indiferentes à concordância com o adjunto? 3) Por que línguas como algumas variedades do espanhol da América e o português apresentam as duas opções? 4) Como e por que é feita a escolha de uma ou outra estratégia no caso das línguas que apresentam as duas possibilidades.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, N. (1993). A minimalism program for linguistic theory. In.: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Orgs). *The view from Building 20*. Cambridge/Mass.: MIT Press.

CINQUE, G. (1993). "A null theory of phrase and compound stress", *Linguistic Inquiry*, v. 24, p. 239-298.

CONCEIÇÃO PINTO, C. F. da (2008). Uma análise das construções de clivagem e outras construções focalizadoras no espanhol atual. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal da Bahia.

_____ (2007). *Un nuevo análisis formal para las perífrasis de relativo o construcciones hendidas*. In.: ACTAS DEL I SIMPOSIO INTERNACIONAL DE LENGUA Y LITERATURA ESPAÑOLA E HISPANOAMERICANA. São Paulo: Instituto Cervantes.

DI TULLIO, Á. (2005). Clefting in spoken discourse. In.: *Encyclopedia of Language of Linguistics*. 2. ed. Universidade de Oxford.

_____ (1999). "Hendidas, inferenciales y presentativas". In.: DÉNIZ, M. T.; SAMPER PADILLA, J. A. (Orgs). *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*. v. 1. Las Palmas de la Gran Canarias, p. 511-520.

LAMBRECHT, K. (2001). "A framework for the analysis of cleft constructions". *Linguistics*, v. 39, n. 3, p. 463-516.

MODESTO, M. (2001). *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas.

MORENO CABRERA, J. C. (1999). Las funciones informativas: las perífrasis de relativo y otras construcciones perifrásticas. In.: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Orgs). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v. 3. Madri: Espasa Calpe, p. 4245-4302.

PRINCE, E. (1978). "A comparison of *wh*-clefts and *it*-clefts in discourse", *Language*, v. 54, p. 883-906.

RIZZI, L. (1997). The fine structure of the left periphery. In. HAEGEMAN, Liliane (Org). *Elements of grammar*. Kluwer: Dordrecht, p. 281-337.

_____ (1991). "Residual verb second and the Wh criterion". Universidade de Geneva, ms.

SORNICOLA, R. (1988). "It-clefts and *wh*-clefts: two awkward sentence types". *Journal of Linguistic*, v. 24, p. 348-79.

ZUBIZARRETA, M. L. (1998). *Prosody, focus, and word order*. Linguistic Inquiry Monograph 33. Cambridge, Mass: The MIT Press.